

## **Potencializando Vozes: Experimentação de Produção Jornalística na Vila Vardelina<sup>1</sup>**

Fernanda Fukushima do Nascimento<sup>2</sup>

Gabriela Fernanda Rico<sup>3</sup>

Luiz Filipe Santos Pereira<sup>4</sup>

Cristiane da Silveira Lima<sup>5</sup>

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR

### **Resumo**

A Comunicação Comunitária tem como princípio básico a pluralidade de vozes e não a hegemonia de uma só. Por isso a proposta de oficina realizada no bairro da Vila Vardelina em Maringá-PR, teve esse intuito como base. Realizamos a produção de um jornal mural comunitário, no qual todas as participantes fizeram parte integralmente de seu processo de concepção. O caminho percorrido teve imprevistos mas a proposta foi realizada com sucesso.

### **Palavras-chave**

Comunidade; Jornalismo; Representação; Vozes; Comunicação.

### **Comunidade**

O conceito de comunidade já foi discutido por vários autores historicamente e possui uma amplitude de significados e associações. Na maioria das vezes o termo é relacionado com uma ideia de pertencimento territorial, na qual os indivíduos que dividem um mesmo território físico formariam uma comunidade. Raquel Paiva (1998) faz um apanhado de termos que já foram e são associados ao conceito de comunidade como pertencimento, interesses, vínculos, ideais e vivência. A autora também disserta sobre como o conceito também é utilizado para definir grupos que são historicamente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ7 - Comunicação, Espaço e Cidadania no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 02 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Fernanda Fukushima do Nascimento, graduanda do quinto semestre do curso de Comunicação e Multimeios, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: fernanda4fukushima@gmail.com.

<sup>3</sup> Gabriela Fernanda Rico, graduanda do quinto semestre do curso de Comunicação e Multimeios, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: gabi.f.rico@gmail.com.

<sup>4</sup> Luiz Filipe Santos Pereira, graduando do quinto semestre do curso de Comunicação e Multimeios, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: luizfilipesp98@gmail.com.

<sup>5</sup> Cristiane da Silveira Lima, doutora e professora do curso de Comunicação e Multimeios, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: crislima1@gmail.com.

---

estigmatizados ou estão em situação de vulnerabilidade social ou invisibilidade. Questões religiosas também são geralmente vinculadas ao conceito de comunidade.

Pode-se pensar a comunidade como o partilhamento de condições de existência entre indivíduos que possuem as mesmas experiências e vivem situações afins; sendo os mesmos capazes de utilizar desses interesses em comum para conseguir melhorias. O bem comum seria um dos ideais que a comunidade priorizaria e buscaria e para Paiva (1998), esse bem comum atualmente não é gerido pelo Estado, que funcionaria atualmente mais como gestor do mercado.

Para Bauman (2003), a comunidade é vista pelas pessoas como um lugar idealizado, que seria aconchegante e no qual se conseguiria restabelecer a confiança perdida nas atuais relações líquidas. O autor enxerga a comunidade como paraíso perdido e difícil de ser atingido, já Raquel Paiva vê uma dimensão mais pragmática na comunidade e pensa que a reunião de interesses afins pode resultar em um caráter reivindicatório na mesma.

### **Democracia e comunicação comunitária**

A globalização diminuiu as barreiras de tempo e espaço que faziam com que as pessoas e informações permanecessem em lugares físicos específicos. Esse processo gerou uma maior circulação da informação, mas não uma democratização da mesma. A comunicação é vista pela Constituição Brasileira como bem comum, logo, como espaço no qual todos têm direito de fazer parte. Esses direitos e princípios básicos descritos na carta magna não são colocados em prática pela grande mídia, que concentra o poder de produção e distribuição de conteúdos, não abrindo espaço para uma participação efetiva de todos.

A grande mídia hoje, caracteriza-se como hegemônica, pois domina e lidera o campo comunicacional, estabelecendo-se como estrutura monofônica, fortalecendo visões fechadas e que por vezes não condizem com a realidade. A imagem de grupos que estão em situação de vulnerabilidade social, por exemplo, é muitas vezes representada de maneira estereotipada e/ou por vieses negativos. O grande problema desses discursos midiáticos é que eles influenciam a maneira como as pessoas são vistas pela sociedade e até por elas mesmas, construindo imaginários que circulam e repercutem socialmente.

---

A comunicação comunitária vem como uma proposta de visibilizar a democratização do processo comunicativo, pois um de seus principais princípios é o de participação dos membros da comunidade, fazendo com que todos tenham voz e além disso tomem posse desse bem comum que é a comunicação. O caráter horizontal, que pretende uma pluralidade de vozes, é uma das preocupações da comunicação comunitária que também apresenta um potencial de transformação social.

Na perspectiva da comunicação comunitária a representação fica a cargo da própria comunidade, sendo então possível apresentar todas as coisas que não são mostradas pela mídia hegemônica. É possível mostrar as iniciativas positivas que muitas vezes não aparecem na grande mídia e também lutar por melhorias sociais, já que se conhece os problemas e necessidades do bairro.

Em seu livro Paiva (2007), traça um panorama sobre a presença atual da comunicação comunitária. Os princípios da comunicação comunitária para a autora fogem do padrão hegemônico presente no campo comunicacional, pois essa tem estruturas e público diferentes; atuam no sentido de estabelecer uma pluralidade de vozes real que possam contribuir para diminuir estereótipos como os presentes na mídia hegemônica; se abrem para a possibilidade de linguagens experimentais e improvisações, já que a comunicação comunitária não possui todos os aparatos técnicos da grande mídia; interferem no sistema produtivo, pois ao mesmo tempo que conta com profissionais de comunicação e as pessoas que vem para colaborar com as produções são na verdade os protagonistas; integram produtores e consumidores, que estabelecem relações de maneira próxima e de troca; atuam para uma educação crítica da mídia hegemônica, já que se prioriza uma reflexão sobre o campo comunicacional e as representações.

As práticas da comunicação comunitária colaboram para uma facilitação no processo de luta por melhorias de condições de vida pois a partir do momento que os membros de uma comunidade, tomam posse do fazer comunicacional é possível gerarem suas próprias discussões e pautarem nas produções seus interesses comunitários afins.

## **A Proposta**

Como trabalho final da disciplina embasados nas discussões sobre comunicação comunitária tidas em sala de aula e nos autores estudados durante o semestre elaboramos como proposta inicial a produção de um jornal comunitário impresso, na Vila Vardelina,

bairro situado na zona norte de Maringá que conta com iniciativas comunitárias geridas pelas irmãs do Núcleo Papa João XXIII e um Centro Esportivo, dentre elas um salão comunitário, uma horta etc., o bairro possui também uma Unidade Básica de Saúde, inaugurada em 2013, que atende quase dez bairros da região e que dispõe aos moradores do bairro um grupo de convívio e partilha frequentado por idosos todas as quartas às 14 horas no salão comunitário.

Nossa proposta era implantar durante três sextas-feiras consecutivas (14, 21 e 28 de julho de 2017) oficinas sobre produção jornalística comunitária, tendo como previsto nove horas aula e sendo seu produto final a realização de uma edição impressa do jornal para cada participante possibilitando que as mesmas o circulassem e fizessem reverberar na comunidade o que foi produzido, objetivando funcionar como um espaço de representatividade para os participantes da Associação Comunitária da Vila Vardelina estes puderam mostrar suas visões de mundo. A intenção da proposta era fugir do sistema hegemônico que funciona de forma vertical e não se abre para as possibilidades de coprodução com a comunidade.

O grupo escolheu o jornalismo comunitário pensando na reflexão que é necessária para a comunicação comunitária. O jornalismo tem como premissa básica a informação e nossa proposta pretendeu fazer com que a comunidade da Vila Vardelina tomasse posse deste poder de informar, penetrando e fazendo parte dessa ordem do discurso; produzindo suas demandas e se representando por meio delas.

Por meio da produção do jornal se pretendeu atingir a função transformadora e educadora da Comunicação Comunitária, trazendo uma reflexão sobre representação midiática e como é possível uma auto representação, diferente da veiculada na mídia, visando não cair no risco das histórias únicas. Além colaborar para o auto reconhecimento como comunidade.

A proposta de oficina teve também como intuito colaborar para o fortalecimento e criação de vínculos dentro da comunidade, pois acreditamos ser possível conhecer mais do outro a partir da interação com ele, sendo necessário restabelecer a confiança mútua e assim diminuir o medo acerca do que é público.

Nossos principais objetivos eram para além de produzir um jornal comunitário que proporcionasse uma experiência diferente com os meios de comunicação, trazer uma reflexão sobre mídia hegemônica e representação; pretendíamos experimentar linguagens

---

para fugir de um padrão pré-estabelecido, colocar em pauta as relações humanas e de vínculo e proporcionar uma relação de percepção de si e da comunidade.

Inicialmente estimamos que o número de participantes seria em torno de dez pessoas, além dos alunos do Núcleo de Psicologia Aplicada da Universidade Estadual de Maringá que estavam auxiliando em nossas atividades e os proponentes. Sendo os espaços necessários para a concretização da proposta um ambiente interno como uma sala com carteiras, onde poderíamos produzir os conteúdos para o jornal e também realizar atividades como dinâmicas e rodas de conversa priorizando uma horizontalidade nas relações e um ambiente externo para fotografarmos possíveis notícias. E os equipamentos necessários para a realização da proposta seriam computadores, cabos USB, projetor e materiais de consumo substanciais para a produção das atividades serão papéis, canetas e lápis para anotações; cola e tesoura para colagens.

Pretendeu-se também sempre que possível usar de dinâmicas para evitar o estranhamento inicial e criar uma relação mais íntima entre os membros da oficina; exibir vídeos; proporcionar conversas e debates sobre assuntos midiáticos; produzir notícias, textos e fotografias que se anexariam no jornal impresso, no entanto as fotografias não foram possíveis, pois a integrante não queria fazer fotos, pensamos também em fazer uma apresentação final dos resultados da oficina.

Para participar da oficina foram convidados por nós de maneira presencial os membros do grupo De Bem Com a Vida e os demais moradores do bairro que pudessem se interessar pela proposta por meio de cartaz anexado ao salão comunitário e convites deixados junto a secretaria da UBS.

## **A Oficina**

Pensamos em manter o início das atividades com tolerância de 10 minutos, para que os participantes caso necessitassem chegar atrasados, não perdessem o começo da discussão. Em nosso primeiro encontro contamos com a presença de cinco moradoras, número menor do que esperávamos. Repensamos então algumas dinâmicas que cogitávamos realizar em nosso cronograma; começamos precisamente às duas horas e dez minutos, daquela tarde do dia 14 de julho, com a presença de Marlene Macedo Valquete e Maria Catele, logo após apareceram mais três pessoas, Sinésia, Joana e Neili. No entanto

---

Maria foi embora no meio do encontro. Configurando nosso grupo como misto de mulheres adultas e idosas.

Sentamos em roda, nos apresentamos e falamos um pouco mais sobre nossa proposta. Após a quebra do gelo inicial buscamos instigar o pensamento acerca de palavras chaves sobre comunicação e comunidade, que nos serviriam de base para apresentação da proposta e preceitos da oficina como um todo. Nessa dinâmica procuramos refletir sobre o entendimento que as participantes tinham sobre essas palavras atreladas aos conceitos que as mesmas carregam, sendo elas: comunidade, comunicação, massivo, bem comum, representação, entre outras. Houve nesse momento uma ampla discussão a respeito dos meios de comunicação que quase nunca retratam o bairro e as participantes relataram que quando isso acontecia era ligado fortemente a estigma de violência, uso de drogas ou apenas voltadas ao utilitarismo político, quando próximo a eleições. As moradoras relataram que quando davam seus depoimentos, não os tinham reproduzidos na íntegra, sendo utilizados apenas recortes de suas falas para angulação comunicativa que esses meios pretendiam. Observou-se a falta de divulgação sobre os benefícios apresentados pela comunidade, iniciativas e demandas reivindicatórias.

Após amplas conversas sobre essas palavras norteadoras, sobre representação e possibilidade alternativa de auto representação, apresentamos um vídeo sobre jornalismo comunitário produzido pelo Senac Scipião buscando por meio dessa exibição apresentar conceitos simplificados sobre representação, produção jornalística e sua importância na comunidade. Ao apresentarmos nossa proposta, percebemos que por atender melhor às demandas da comunidade deveríamos adaptar o formato do jornal estilo tabloide, no qual nossa ideia inicial se apoiava, para o jornal mural.

No segundo encontro fomos acometidos pela presença de apenas uma das participantes do encontro anterior, Marlene. Retomamos com a mesma os conceitos de comunicação debatidos anteriormente e buscamos novamente adaptar o cronograma para nossa realidade. Propusemos uma conversa para reforçar como uma história mal contada pode se transformar em uma notícia falsa, logo após realizamos outra dinâmica onde cada um falou uma palavra para compor uma história e mostrar que a união de vozes pode viabilizar uma notícia, enfatizando a ideia de produção coletiva.

Posteriormente incentivamos que cada membro presente ao receber um pirulito o desse para outra pessoa e falasse uma característica positiva nela, para tentar fortalecer vínculos. Já próximo ao encerramento do dia, Marlene começou a experiência de produzir

---

notícias por meio de entrevista com os proponentes da oficina, na qual suas perguntas eram baseadas no intuito de nos conhecer um pouco mais. Ao fim da tarde avisamos que a confecção do jornal mural seria no próximo encontro e pedimos para que Marlene chamasse mais pessoas para participar de nossa oficina.

Ainda assim, inicialmente, nosso último encontro foi marcado pela presença única de Marlene, a mesma conforme conversado se lembrou de trazer duas de suas principais receitas pessoais. Conversamos sobre o que pautaríamos no jornal, digitamos então fidedignamente as notícias escolhidas e verbalizadas pela participante, já que Marlene não tinha habilidade com computadores. As temáticas das notícias foram desde o grupo de convívio De Bem Com a Vida, a festa junina produzida colaborativamente pela comunidade, necessidades do bairro e a implantação de uma ATI na praça. Quando já estávamos perto do fim da oficina, Neili e outras duas moradores, Ângela de Souza Benedicto e Adriana Cristina Lúvia, chegaram e contribuíram para uma parte escrita da notícia, confeccionamos colaborativamente o jornal mural, cortamos e colamos as notícias.

Após os jornais murais confeccionados, fomos colá-los nos arredores do Centro Comunitário para que as participantes e comunidade pudesse lê-los. Os lugares escolhidos foram o núcleo de assistência social Papa João XXIII e a Clínica de Psicologia Aplicada. Outro lugar que pretendíamos colocar era na UBS Vila Vardelina, já que as participantes frequentam vários grupos de lá, no entanto a diretora nos disse que somente com autorização da Secretária de Saúde era possível colar lá. Os recursos de papelaria empregados foram pensados sobre o contraste entre cores vibrantes e pastéis, com detalhes e paletas diversificadas para ficar esteticamente bonito e atraente para a leitura. Por fim como encerramento da proposta agradecemos a presença dos participantes e discutimos percepções sobre comunicação, comunidade e experiências vividas instigadas no primeiro encontro e que percorreram a trajetória de toda nossa oficina.

### **Considerações Finais**

Mais do que só transmitir nossa proposta ou produzir um jornal comunitário conseguimos potencializar as vozes das moradoras daquela comunidade e as ajudar a se auto representar por meio de suas demandas e particularidades. Observamos também que ao conhecermos pessoalmente a comunidade e ver o que de fato eles careciam tivemos



que adaptar nossas atividades e propostas. E esse contato enriqueceu ainda mais a consolidação do produto final, que realmente contemplasse nossos estudos e a implementação prática que corroborasse com nossos referenciais teóricos a vivências reais, sendo benéficas para ambos os envolvidos.

As principais dificuldades encontradas foram a adesão da comunidade; a fragilidade de vínculos conosco, estrangeiros à comunidade; o medo do público, amplamente citado em discussões com as participantes de nossa oficina e nosso horário de oficina colidir com o horário comercial de trabalho de muitos. A confluência desses fatores limitou nossa proposta em alguns âmbitos e aspectos, acreditamos que se essa proposta contasse com mais tempo de duração e maior número de participantes colaboraria ainda mais para essa vivência comunitária e produção comunicacional em meios alternativos a mídia hegemônica, o que possibilitaria que o mesmo fosse incorporado por membros da comunidade e assim atingisse continuidade em sua atuação, sendo assim reverberado e empoderado pelo bairro e pela vontade de falar e ser escutado, potencializando verdadeiramente o nome dado jornal dentro da oficina “A Voz da Vardelina”.

### Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. Uma introdução, ou bem-vindos à esquiwa comunidade In: **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. pp. 07-11.

JORNAL COMUNITÁRIO DIARIO CAIOBÁ. Matinhos: Wesley Neres. 2010 - Diário. Disponível em < <http://diariocaioba.com/site/index.php> > Acesso em 28/06/2017.

NOSSO BAIRRO JACAREPAGUÁ. Rio de Janeiro: Editora H. Sheldon. 2007 - Mensal.

O CIDADÃO DO BAIRRO DA MARÉ. Rio de Janeiro: EDIOURO. 1999 - Mensal.

O que é Jornalismo Comunitário? (Trabalho SENAC SCIPIÃO). Direção de Margarida Haucke. Produção de Juliane Vidal e Karoline Maia. Realização de Senac Scipião. 2013. (5 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=skIH2NOgfmQ>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum**. Comunidade, mídia e globalismo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.



---

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. pp 133-148.